

Capital social: um problema do Brasil?

Por Sérgio Lazzarini, Regina Madalozzo, Rinaldo Artes e José de O. Siqueira

Valor Econômico, 03/10/2003



Um dos aspectos mais largamente observados do "capital social" de um país é o nível de confiança de seus cidadãos, isto é, a percepção do grau de risco que as pessoas se submetem nas suas relações de troca. Espera-se, em linhas gerais, que um maior grau de confiança aumente a inclinação das pessoas em efetuar trocas e reduza os custos das relações contratuais, permitindo conseqüentemente uma maior eficiência do sistema econômico como um todo.

Como confiança não é diretamente observável, pesquisadores têm se utilizado de questionários para mensurar este atributo de capital social em vários contextos. Considere por exemplo o "World Values Survey", uma pesquisa realizada por um consórcio de várias universidades do globo. Em vários países, inclusive no Brasil, amostras de pessoas têm respondido, dentre outras questões, à seguinte pergunta: "Você diria que se pode confiar nas pessoas em geral ou que precisamos ter bastante cuidado quando tratamos com as outras pessoas?"

Diversos estudos demonstram que este indicador de confiança do "World Values Survey" está estatisticamente correlacionado a importantes variáveis como a taxa de crescimento econômico e o nível de investimento em uma

ampla amostra de países. Neste contexto, parecem ser preocupantes os resultados revelados por indicadores de confiança mensurados por questionários no caso brasileiro.

O Brasil é simplesmente o último país em termos de confiança segundo o "World Values Survey". Por exemplo, enquanto na pesquisa realizada em 1995/97 a proporção de pessoas que declara confiar nos outros é 29,4% (sendo que em alguns países, como na Noruega, este percentual supera 60%), no Brasil este valor é de apenas 2,8%.

Se confiança estiver de fato correlacionada com importantes variáveis econômicas, conforme citado anteriormente, a relevância deste resultado se torna evidente: podemos estar negligenciando uma peça-chave para o desenvolvimento econômico brasileiro. Falta de confiança pode ser um indicador da fragilidade de instituições brasileiras, gerando uma situação que dificulta o desenvolvimento. Mas será que podemos contar com a resposta a este tipo de questionário para avaliar o nível de confiança e, conseqüentemente, o capital social de um país como o Brasil? Dito de outra forma, será que os brasileiros são realmente os cidadãos, dentre os países estudados, que menos confiam nas outras pessoas?

Em um estudo recente publicado no "Quarterly Journal of Economics", Edward L. Glaeser, David L. Laibson, José A. Scheinkman e Christine L. Soutter tentaram analisar a validade empírica destes indicadores de confiança por meio de um experimento real com estudantes da Harvard University. Replicamos este experimento utilizando uma amostra de estudantes da Universidade de São Paulo, em um estudo financiado pelo Instituto Futuro Brasil.

São urgentes mais estudos relacionados a como medir e aumentar o estoque de capital social no Brasil

Antes de interagir umas com as outras, as pessoas respondem a questionários com itens medindo confiança tal como no World Values Survey. Depois, cada pessoa é pareada com outro participante do experimento. Uma das pessoas recebe um montante em dinheiro (no caso do experimento de Harvard, US\$ 15; no caso brasileiro, R\$ 30) e decide ou não enviar parte deste montante para o seu parceiro, localizado em uma outra sala. O montante enviado à outra pessoa é dobrado e a pessoa que recebeu o dinheiro decide devolver ou não parte ou todo o

valor que recebeu.

A previsão de teoria dos jogos, assumindo que as pessoas se importam apenas com valores monetários, é que a primeira pessoa não vai enviar um centavo sequer ao seu parceiro. A razão é que esta pessoa vai antecipar que o outro indivíduo não vai também devolver nem um centavo do que receber. Porém, se o sistema apresentar um elevado estoque de capital social, isso não acontecerá. A pessoa que receber o dinheiro se importará em devolver parte deste montante para a pessoa que enviar; antecipando isso, a primeira pessoa decidirá enviar dinheiro ao seu parceiro. Ou seja, o montante de dinheiro enviado pela primeira pessoa seria, neste caso, uma medida precisa do seu nível de confiança - supostamente, uma medida mais precisa do que níveis reportados em questionários, onde não há nenhum dinheiro em jogo.

Apesar dos estudantes da USP reportarem, em média, um menor nível de confiança do que os estudantes de Harvard segundo o questionário - da mesma forma como os brasileiros reportam um menor índice de confiança no "World Values Survey" - o montante de dinheiro que eles enviam é bastante similar nos dois países. Em linhas gerais, o nível de confiança medido pelo questionário não tem correlação significativa com o nível de dinheiro enviado pela primeira pessoa ao seu parceiro.

Entretanto, indivíduos que afirmam ter maior nível de confiança no questionário tendem a devolver significativamente mais dinheiro à primeira pessoa, o que foi igualmente verificado pelo estudo de Harvard. Ou seja, questionários como o "World Values Survey" não estariam necessariamente medindo confiança, mas sim confiabilidade. Enquanto confiança diz respeito a percepções de risco nas relações de troca, confiabilidade é relacionada ao grau com que as pessoas se comportam de forma cooperativa, isto é, evitam lesar umas às outras.

Seria então o brasileiro menos confiável, ao invés de mais desconfiado que outras pessoas do mundo? A relação entre o montante devolvido pelas pessoas no experimento e as suas respostas no questionário não é forte o suficiente para afirmarmos isso com segurança. Além disso, a amostra restrita destes estudos impede generalizações para a população como um todo. Por certo, dada importância do tema, mais estudos relacionados a como medir e, eventualmente, aumentar o estoque de capital social no Brasil são da mais alta urgência.

Sérgio Lazzarini, Regina Madalozzo e Rinaldo Artes são professores da Faculdade de Economia e Administração do Ibmec SP.

José de Oliveira Siqueira é professor da FEA/USP. E-mail: sergiogl1@ibmec.br